

A VOLTA DE MARY POPPINS

CLÁSSICOS ZAHAR  
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

Peter Pan  
*J.M. Barrie*

Alice  
*Lewis Carroll*

Sherlock Holmes (9 vols.)  
*Arthur Conan Doyle*

As aventuras de Robin Hood  
O conde de Monte Cristo  
Os três mosqueteiros  
*Alexandre Dumas*

O mágico de Oz  
*L. Frank Baum*

O corcunda de Notre Dame  
*Victor Hugo*

O ladrão de casaca\*  
Arsène Lupin contra Herlock Sholmes\*  
*Maurice Leblanc*

A Bela e a Fera\*  
*Madame de Beaumont, Madame de Villeneuve*

O Pequeno Príncipe\*  
*Antoine de Saint-Exupéry*

Títulos disponíveis também em edição comentada e ilustrada  
(exceto os indicados por asterisco)  
Veja a lista completa da coleção no site [zahar.com.br/classicoszahar](http://zahar.com.br/classicoszahar)

P.L. Travers

# A VOLTA DE MARY POPPINS

Ilustrações originais:  
Mary Shepard

Tradução e apresentação:  
Bruno Gambarotto

## A Pip, esta lembrança

Copyright do texto © 1935, P.L. Travers; © 1996, Estate of the late P.L. Travers

Copyright das ilustrações © 1935, Mary Shepard

É garantido à ilustradora da obra o direito moral de ser reconhecida como tal.

Copyright da edição brasileira © 2018:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Carolina Sampaio | Revisão: Carolina M. Leocadio, Tamara Sender

Projeto gráfico: Carolina Falcão | Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

T713v Travers, P.L., 1899-1996  
A volta de Mary Poppins/P.L. Travers; ilustração Mary Shepard; tradução Bruno Gambarotto. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

il. (Clássicos Zahar)

Tradução de: Mary Poppins Comes Back

Cronologia

ISBN 978-85-378-1792-6

1. Ficção australiana. I. Shepard, Mary. II. Gambarotto, Bruno. III. Título. IV. Série.

CDD: 828.9934

18-50395

CDU: 82-3(94)

---

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

## APRESENTAÇÃO

PUBLICADO EM 1935, *A volta de Mary Poppins* é o segundo dos oito volumes que a jornalista e poetisa australiana radicada na Inglaterra Pamela Lyndon Travers (1899-1996) dedica à sua mais célebre personagem. Na versão que salta das páginas a seguir, *Mary Poppins* não é o ícone da cultura infantil que se ergueu a partir da grande produção musical dos estúdios Walt Disney, lançada nos cinemas em 1964 e que consagra o rosto da então jovem atriz Julie Andrews no papel da protagonista.

É conhecida a história dos dissabores e da resignação vividos por P.L. Travers em relação à aclamada adaptação cinematográfica de *Mary Poppins* – que vão desde as críticas da autora à primeira versão do roteiro e à escolha de uma atriz cuja beleza apagava os traços mais prosaicos da protagonista, até as mudanças na caracterização da família Banks impostas por Disney, com o intuito de agradar ao público norte-americano.

O ciclo de aventuras da *Mary Poppins* original se faz de outro conjunto de referências: o gênero de narrativas

de aventura, presente na ágil organização dos volumes, compostos de capítulos e episódios quase independentes entre si; o traço cômico das personagens que cercam a babá e seus pupilos, tão bem captado pelas ilustrações de Mary Shepard, responsável pela primeira identidade visual das personagens de Travers; as pesquisas da autora sobre ocultismo e mitologia, preservadas no mundo fantástico que subjaz à vida prosaica do subúrbio londrino; e, por fim, mas não menos importante, a longa tradição da prosa realista inglesa, tão sagaz na identificação e no retrato de tipos sociais.

A narrativa de aventura está nas fundações do romance moderno e, antes dele, na própria matriz do narrar. Como já nos ensinavam os gregos antigos em sua épica repleta de grandes feitos e heróis, narramos o que coletivamente entendemos ser o *extraordinário*. O enfrentamento dos reconhecidos perigos e medos de um grupo social, a travessia e o domínio sobre o desconhecido, as provações de quem anseia por reconhecimento, um nome gravado na memória de gerações – todas essas são versões de uma mesma experiência de estar no mundo. Sob a perspectiva do gênero épico, viver é vencer desafios, ultrapassar obstáculos, expandir domínios e conquistar saberes – o que vale para antigos guerreiros gregos em busca de glória, cavaleiros cristãos em busca de salvação, pobres órfãos em busca de

fortuna e (mais modernamente, como ensina a narrativa do romance) indivíduos em busca de identidade e estabilidade em uma sociedade conflituosa.

No que se refere a esse último horizonte de ação, a narrativa corresponde a um processo de construção de si, de experiência e aprendizado. A presença de Mary Poppins no Número Dezessete da Cherry Tree Lane é fundamental para a *formação* de cinco crianças de classe média: Jane, Michael, os gêmeos John e Barbara e a caçula Annabel. Sua entrada na vida da família Banks marca, para os pequenos, a abertura de uma nova dimensão da experiência, a do *fantástico*, que não encontrava espaço em meio ao enrijecimento dos modos sociais próprios da vida adulta.

Da perspectiva prosaica do casal Banks, formado por uma dona de casa e um bancário, a vida se equilibra entre pequenas frustrações e alegrias. A casa é carente de reformas, mas não de compromisso; nela, a falta do luxo decorre da opção pela família numerosa. Nesse ambiente de papéis bastante restritos, no qual a infância pode minguar sob o tédio e a inatividade, Mary Poppins surge como guia, instrumento de acesso a níveis de experiência que injetam carinho e energia nas formas cansadas do cotidiano. Por seu intermédio, insossos passeios pelo parque, noites de clausura no quarto de dormir e visitas aborrecidas ao comércio local tornam-se o ponto de partida para a experiên-

cia do maravilhoso e o aprendizado de uma afetividade à qual, de outro modo, as crianças não teriam acesso. “Estamos prestes a viver uma aventura. Não estrague tudo fazendo perguntas!”, dirá Jane ao irmão Michael durante uma visita ao parque guiada pela babá.

É interessante como o olhar de Mary Poppins incide sobre o mundo: ao mesmo tempo que suas ações revelam algo próximo de um mundo subterrâneo, feito de criaturas fabulosas que subjazem a cada manifestação de vida, tais prodígios jamais incidirão de modo radical sobre as formas do mundo. Mary Poppins propõe a seus pupilos um duplo aprendizado, feito de ensinamentos tão opostos quanto o impossível convívio da babá e da fada em uma só pessoa. Segundo esse aprendizado, os rígidos modos sociais devem ser assimilados como uma espécie de *natureza*, cuja dinâmica, a ser respeitada, é a própria senha para a manifestação do maravilhoso. “Mas o que Mary Poppins achava disso ninguém soube, pois ela guardava seus pensamentos para si mesma e nunca dizia nada para ninguém...” (Capítulo 1: A pipa). No silêncio de Mary Poppins – ou em suas negativas rabugentas aos questionamentos das crianças diante das estranhas experiências que protagonizam – encontramos um surpreendente ponto de contato entre a vida prosaica e estratificada da sociedade inglesa de início do século XX e a perspectiva mística de



um mundo natural, tal como a que ensejava, no âmbito do folclore anglo-saxão, a crença na existência de seres feéricos – fadas, elfos, goblins – e forças cujo equilíbrio seria necessário à ordem do universo.

A exemplo do volume inaugural, em que Mary Poppins surge e desaparece com o vento, o retorno da fada-babá se anuncia como um *evento cíclico*. Desde seu ressurgimento, sabemos que a visita tem hora para acabar: “Ficarei até a corrente se partir”, diz Mary Poppins a Jane e Michael, sinalizando que o adorno que traz no pescoço servirá de medida da *manifestação* do maravilhoso no subúrbio londrino. Daí que, na condição de “Deusa-mãe” pagã – como P.L. Travers chegaria a descrevê-la em entrevista –, o segundo advento de Mary Poppins lança novas luzes ao sentimento de abandono vivido pelas crianças neste mundo que pouca atenção dá a suas demandas. Como se respondessem à solidão e aos questionamentos que os pequenos lançam ao universo doméstico que quase sempre lhes faz ouvidos moucos, as fantasias propiciadas por Mary Poppins permitem às crianças ressurgirem integradas às formas do dia a dia, as quais, por sua vez, são revitalizadas. Esse percurso é particularmente visível no amadurecimento de Jane ao longo do volume.

O retrato do cotidiano revitalizado da Cherry Tree Lane apresenta, por sua vez, personagens de longa tradição

na literatura inglesa. A situação remediada do casal Banks nos faz lembrar a doçura de algumas das personagens domésticas de Dickens (por exemplo, a família sempre em apuros e igualmente numerosa dos Micawber em *David Copperfield*). Da mesma forma, o gosto teatral pelo cômico está presente nos maneirismos e clichês que caracterizam personagens como a srta. Lark, sempre às voltas com supostas necessidades de seus exasperados cães, e o Almirante Boom, para quem a Cherry Tree Lane não difere do convés de um navio. Longe de ser um expediente de evasão da realidade, a caricatura deriva da observação e identificação de tipos sociais, que o artista – escritor ou caricaturista – subverte ou exagera com vistas ao conhecimento de tipos e relações humanas e ao humor. Daí que, sob “o cabelo preto como carvão, os brilhantes olhos azuis e o nariz arrebitado como o de uma boneca holandesa” que caracterizam Mary Poppins, encontramos uma figura de importante presença na tradição do romance inglês: a figura da governanta ou babá, cujo exemplo mais destacado será Jane Eyre, protagonista do romance homônimo de Charlotte Brontë (1847).

Contratada a princípio como babá – isto é, responsável pelos cuidados das crianças sem obrigação de instruí-las, função desempenhada pelas governantas –, Mary

Poppins termina por fundir simbolicamente esses dois papéis (além de continuar funcionando, por seus modos e atos, como preceptora do mundo paralelo da fantasia). Ela possui contornos sociais que remontam ao ofício das governantas, fundamentalmente feminino e cercado de ambiguidades e indeterminação na esfera doméstica. Essas profissionais ocupam uma espécie de limbo no horizonte de possibilidades abertas a uma mulher inglesa nos séculos XVIII e XIX: como trabalhadora assalariada, uma governanta (geralmente filha de famílias de párocos ou da aristocracia empobrecida) não preserva a aura doméstica e familiar reservada às mulheres de boa condição social. Ao mesmo tempo, suas qualificações culturais conferem-lhe uma igualdade aparente em relação à família que a contrata, distanciando-a dos demais empregados da casa. Possuidora de todos os atributos de uma *lady* e, no entanto, maculada pela necessidade do trabalho, a governanta ou babá frequenta um mundo de sombras e invisibilidade no âmbito doméstico. A identificação dessa zona cinzenta no universo da família inglesa é fundamental para a mistura originalíssima de convenção e subversão que caracteriza Mary Poppins, uma babá-governanta de modos rígidos – e, portanto, afeitos ao universo de seus patrões e à dignidade da função exercida – que, no cará-

ter extraordinário de suas aventuras geralmente furtivas, abre às crianças um horizonte de liberdade imprevisto.

Em seu confronto com a srta. Euphemia Andrew (Capítulo 2), antiga governanta da família Banks, Mary Poppins só faz acentuar suas particularidades fantásticas em face do tipo tradicional. Seus modos carrancudos e a secura com que procura estabelecer a ordem entre as crianças terão sempre o contrapeso das maravilhas que revela a elas. É no ténue equilíbrio entre o mundo formal e a fantasia que, sem dúvida, o ciclo de Mary Poppins se converte em um clássico que transcende faixas etárias e ensina, como era reivindicado por sua autora, algo sobre aquele “coração humano, um coração que, não importa sua idade, [é] capaz de sofrer”.\*

Em um mundo que cada vez mais demanda da infância o cultivo de competências que a colocam sob um regime de exigências impessoal e adulto, restringindo a dimensão de liberdade de imaginação e ação necessária à formação individual, a obra de P.L. Travers torna-se valiosa ao preservar o papel humanizador da fantasia enquanto parte fundamental do processo de amadurecimento do indivíduo.

---

\* Essa citação, bem como a que consta no parágrafo seguinte, vem de “Sobre não escrever para crianças”, in *Mary Poppins: edição comentada e ilustrada* (Rio de Janeiro, Zahar, 2017, p.187.).

A presença de Mary Poppins não se restringe a um simples capítulo da infância. Sua estrela ilumina a Cherry Tree Lane e, com ela, o percurso de toda uma vida. Como diz a própria autora, “não dá para saber onde a infância termina e a maturidade começa”.

BRUNO GAMBAROTTO

---

Bruno Gambarotto é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH – USP) e tradutor de autores consagrados das literaturas norte-americana e inglesa, como Walt Whitman, Herman Melville, Nathaniel Hawthorne, Harriet Beecher Stowe, Edith Wharton, Aldous Huxley e Mary Shelley.

A VOLTA DE  
MARY POPPINS

## 1. A PIPA

**E**ra uma daquelas manhãs em que tudo parece muito limpo e claro e radiante, como se o mundo tivesse passado por uma faxina de madrugada.

Na Cherry Tree Lane as casas piscavam com o abrir das venezianas, e as sombras esguias das cerejeiras traçavam listras escuras sobre o chão iluminado de sol. Mas não havia som nenhum, exceto pelo tilintar do sino do Sorveteiro, que ia de um lado para o outro com o seu carrinho.

PAREM E COMPREM!

dizia o cartaz na frente do carrinho. E então um Limpador de Chaminés dobrou a esquina e ergueu a mão preta de fuligem.

O Sorveteiro foi tilintando até ele.

– Uma bola de sorvete – pediu o Limpador de Chaminés. E ele se apoiou em seu maço de escovas enquanto lambia o sorvete com a ponta da língua. Quando terminou, embrulhou a casquinha delicadamente com o lenço e colocou-a no bolso.

– Você não come a casquinha? – perguntou o Sorveteiro muito surpreso.

– Não, eu coleciono todas! – respondeu o Limpador de Chaminés. E pegou as escovas e adentrou o portão principal da casa do Almirante Boom, pois não havia entrada de serviço.

O Sorveteiro saiu empurrando novamente carrinho e sino pela rua, com as listras de sombra e luz sobre ele enquanto seguia.

– Nunca tinha visto esse lugar tão quieto! – murmurou ele, olhando para um lado e para o outro à procura de clientes.

Foi nesse instante que se ouviu uma voz alta vindo do Número Dezessete. O Sorveteiro apressou-se até o portão, na esperança de um pedido.

– Não vou aguentar! Eu não aguento mais! – gritava o sr. Banks, nervoso, indo e vindo irritado da porta da frente até o pé da escada.

– Que foi? – perguntou assustada a sra. Banks, saindo da sala de jantar. – O que você está chutando de um lado para o outro da sala?

O sr. Banks deu um pontapé e alguma coisa preta voou até a metade da escada.

– Meu chapéu! – disse ele entre dentes. – Meu Melhor Chapéu Coco!



Correu escada acima e chutou o chapéu novamente para baixo. Ele rodou pelo piso e parou aos pés da sra. Banks.

– Algum problema com o chapéu? – ela perguntou, nervosa, pensando na verdade se não havia algum problema com o sr. Banks.

– Veja você mesma! – ele berrou. Tremendo, a sra. Banks se abaixou e pegou o chapéu. Estava coberto de grandes manchas, brilhantes e grudentas, e ela percebeu que tinham um cheiro particular.

Cheirou a aba.

– Parece graxa – falou.

– É graxa – devolveu o sr. Banks. – Robertson Ay escovou meu chapéu com a escova de sapato. Na verdade, ele engraxou meu chapéu.

A sra. Banks ficou boquiaberta.

– Não sei o que se passa nesta casa – prosseguiu o sr. Banks. – Nada está certo, e faz tempo! Ou é a água de barbear que está quente demais, ou é o café da manhã que chega frio. E agora isto!

Ele arrancou o chapéu das mãos da sra. Banks e pegou a pasta.

– Estou indo! – disse ele. – E não sei se volto algum dia. Talvez eu faça uma longa viagem marítima.

Enfiou o chapéu na cabeça, bateu a porta atrás de si e atravessou o portão com tanta fúria que trombou com

o Sorveteiro, que ali estivera escutando a conversa com interesse.

– A culpa é sua! – resmungou ele. – Você não tinha nada que estar aí!

E seguiu marchando na direção da City, seu chapéu engraxado brilhando como uma joia sob o sol.

O Sorveteiro levantou-se com cuidado e, verificando que não havia quebrado nenhum osso, sentou-se no meio-fio e se consolou tomando ele mesmo um belo sorvete...

– Oh, céus! – disse a sra. Banks quando ouviu o portão bater. – É bem verdade. Nada *mesmo* anda certo ultimamente. Ora é uma coisa, ora é outra. Desde que Mary Poppins partiu sem nenhum Aviso tudo está de pernas para o ar.

Ela sentou-se ao pé da escada, pegou o lenço e começou a chorar.

E enquanto chorava, ela pensou em tudo o que havia acontecido desde o dia em que Mary Poppins tinha desaparecido tão de repente e estranhamente.

– De um dia para o outro, tão desagradável! – lamentou a sra. Banks entre soluços.

Logo viera outra babá, a srta. Green, que partiu ao final de uma semana, pois Michael cuspira nela. Depois foi a srta. Brown, que saiu para uma caminhada e nunca mais voltou. Só mais tarde eles descobriram que todas as colheres de prata da casa haviam desaparecido com ela.